

Documentos da Gorongosa

A má fé de Pretória sobre N'Komati

O papel sempre destabilizador da África do Sul relativamente a Moçambique e a sua estratégia relativamente ao período pós-Nkomati, fazem fé de sua intenção de não respeitar o acordo assinado em princípios de 1984.

Estes são os temas que hoje trazemos aos nossos leitores numa análise sobre documentos capturados pelas nossas forças armadas em colaboração com as forças armadas zimbabweanas em «Casa Banana», principal reduto do banditismo armado no nosso país.

Quando em 16 de Março de 1984 se assinava nas margens do rio Nkomati o Acordo entre Moçambique e a África do Sul sobre as suas relações e a boa vizinhança, ambas as partes se comprometiam a assumi-lo, respeitando-o no espírito e na letra.

Menos de dois anos volvidos sobre tal cometimento mútuo parece redundância afirmar-se que só a parte moçambicana o cumpriu na íntegra, já que a evidência do envolvimento sul-africano no apoio ao banditismo armado é agora concludente.

As autoridades sul-africanas tentaram, após as autoridades moçambicanas lhes mostrarem provas dessa asserção, minimizar o problema, classificando o seu incumprimento de Nkomati como meras violações técnicas, apoio humanitário aos bandidos,

pouca aceitação tinham quer dentro quer fora do país, colocando em causa a própria veracidade dos documentos capturados em «Casa Banana».

Análises feitas à estrutura do poder na África do Sul apresentam, por outro lado, a hipótese de que clivagens dentro do governo de Pretória ou entre uma ala política e uma ala militar de extrema-direita teriam permitido que se continuasse a apoiar logisticamente os terroristas, fazendo-se viagens para dentro de Moçambique, onde tinham coronéis, brigadas, etc. até o ex-vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Louis Nel.

As acusações repetidas de Moçambique sobre a violação das suas fronteiras aéreas, respondeu a África do Sul com a ideia de criação de um ra-

boa-vontade e ainda que tal radar não existia antes, o que à partida não parece crível.

O apoio directo e já não tão camuflado continuou, porém. Abastecimentos por via marítima são claros nas províncias de Nampula, Zambézia, Manica e Inhambane. Ainda recentemente, em Outubro deste ano, o Major-General Domingos Fondo esclareceu que continuavam a registar-se desembarques na província de que é comandante militar, Inhambane.

E se o facto não fosse este lá estaria o Ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Roelof Botha (aquele que é apresentado como o menos pró-bandidos) a elucidar-nos sobre a natureza das suas relações com os terroristas: *Quando falo com o Dr. Evo sinto-me perto em quando falo com o governo de Maputo, porque partilhamos nas mesmas ideias fundamentais.*

Quer dizer, o cometimento que Nkomati significa para a parte sul-africana tem aqui de facto o seu escolho principal, garante de que Pretória nunca esteve disposta a cumpri-lo e que há uma identidade entre o filho que ajudou a criar e a crescer dentro de Moçambique — os seus terroristas.

Mas, ainda antes da Declaração de Pretória, em Outubro de 1984, seis meses após a assinatura do Acordo

viados, mostrando as suas desculpas e escusas públicas

dando fazer crer

Monday	25 Tuesday	26 Wednesday
...

27 Thursday	28 Friday	29 Saturday
...
		30 Sunday

o Presidente Samora Machel do pa-
pão de Moscovo: porque cientis esta-
mos que o Machel é fácil de **iden-**
talizar, porque a RSA está preocupa-
da em saber como podemos afastar o
Machel de Moscovo.

É, finalmente, aqui que se consu-
stancia a pressão feita por Pretória
aos seus terroristas para que estes ven-
ham à cena internacional reconhecer
o Presidente Samora Machel como
Presidente de todos os moçambicanos
não reconhecendo o governo consti-
tuído.

É a convicção de que o líder mo-
çambicano o não é por mérito pró-
prio. É a ideia absurda de que o go-
verno nomeado pelo Presidente não
é legal. É a tentativa divisionista
muito claramente explícita neste ex-

tracto. É a noção errada de que a
Frelimo não está unida em torno do
seu dirigente principal.

Pick Botha diz que com o investi-
mento em Moçambique o Machel mu-
dará de política pelo que a Renamo
não deve exigir as condições ideoló-
gicas mas sim a posição prática de
cada um de vocês, pode ainda ler-se
sobre este mesmo assunto no «diary
desk» de um dos oficiais do bandi-
tismo.

É a subestimação de um governo,
de um partido que se formaram nos
anos duros da luta armada de liber-
tação nacional e que, do nacionalis-
mo, passam a uma etapa revolucio-
nária e lhe dão a solidez de partido,
conquistada que foi a independência
nacional.

É um Roelof Botha que se preten-
deu apresentar como não comprometi-
do com a ala militar que apoiaria,
com o desconhecimento cómodo dos
políticos, o banditismo que, em con-
versa com o bandido-chefe, estudada
a estratégia conjunta contra Moçam-
bique, «disse que desejava um bom
sucesso na nossa guerra».

Está, portanto, claro que a África
do Sul continuou sempre a apoiar os
bandidos armados em Moçambique
com quem se identificam, porque
criação genuinamente sua. E nem o
desconhecimento muito cómodo para
Pretória pode ilibar os seus próprios
políticos e diplomatas que sempre fi-
zeram fé na má fé com que reagiram
a Nkomati.